

O gênero tutorial e a terminologia das redes sociais

The genre tutorial and social networks terminology

Márcio Sales Santiago *

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

Maria da Graça Krieger **

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil

Júlio Araújo ***

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

Resumo: Neste artigo, analisa-se a terminologia presente em tutoriais de redes sociais da internet. Por sua vez, entende-se o tutorial como um texto especializado, repleto de termos, cujo objetivo é instruir um indivíduo ou um conjunto de indivíduos que necessitam de determinadas orientações para operacionalizar uma ferramenta informatizada, como uma rede social. Em consequência, importa a este estudo realizar uma análise linguístico-terminológica das unidades lexicais especializadas nesse gênero textual digital. Assim, é descrita e exemplificada uma terminologia das redes sociais. Os resultados da análise mostram que é possível se referir a duas especificidades terminológicas nos tutoriais, as quais contribuem para determinar o perfil terminológico do domínio temático abordado, especificamente sob o ponto de vista da denominação.

Palavras-chave: Terminologia. Redes sociais. Gêneros digitais. Tutorial.

* Pesquisador do CNPq/Funcap (modalidade DCR) no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil; mssantiago12@gmail.com

** Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil; mkrieger@unisinos.br

*** Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil, araujo.ufc@gmail.com

Abstract: This paper analyzes the terminology in the Internet social networks tutorials. A tutorial is a specialized text, full of terms, aiming to teach an individual or group of individuals who need some guidelines to operationalize a computerized tool, such as a social network. It is necessary to identify linguistic and terminological characteristics from the specialized lexical units in this digital genre. Social networks terminology is described and exemplified here. The results show that it is possible to refer to two specific terminologies in tutorials which help to determine the terminological profile of the thematic area, specifically from the point of view of denomination.

Keywords: Terminology. Social network. Digital genres. Tutorial.

1 INTRODUÇÃO¹

Entendida tradicionalmente como a disciplina que estuda os termos das diversas áreas e domínios especializados, o próprio termo *terminologia* possui, basicamente, dois significados distintos. O primeiro deles, o qual se grafa com inicial minúscula, diz respeito ao conjunto de termos de áreas científicas, técnicas, tecnológicas. Portanto, ao se referir a dado grupo de termos da Medicina, por exemplo, fala-se em uma terminologia médica. Esta é uma forma também de dizer que não há conhecimento especializado sem seus termos próprios, o que remete à relação direta com os conceitos de cada campo de saber especializado.

O segundo significado, escrito com a inicial maiúscula, refere-se ao campo de estudos teóricos e aplicados que se ocupa dos termos científicos e técnicos com distintos focos de interesse e de perspectivas. Esse segundo significado é bem mais recente, tendo surgido por volta dos anos 1960.

De toda forma, a preocupação com a produção de terminologias é bastante antiga, pois desde que o ser humano se manifesta e busca conhecimento, encontre-se diante de comunicações especializadas. Como exemplifica Rondeau (1984), os vocábulos especializados já eram utilizados pelas civilizações da Antiguidade Clássica, a citar, a expressão dos pensadores e filósofos gregos, a língua de negócios dos comerciantes cretas, a terminologia militar utilizada nas guerras etc.

¹ Este trabalho conta com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) por meio da bolsa de pesquisa modalidade Desenvolvimento Científico e Tecnológico Regional – DCR (processos n. 350882/2013-4 e n. DCR-0024-00861.01.00/13).

Em razão do imenso desenvolvimento científico e tecnológico, há uma grande proliferação de terminologias. No passado, por uma questão de padronização, o grego e o latim foram as línguas usadas por estudiosos e pesquisadores nas chamadas nomenclaturas técnico-científicas, cujo papel era o de etiquetar unidades lexicais criadas de forma artificial, no intuito de se evitarem fenômenos eminentemente linguísticos como sinonímia e ambiguidades. Temos, portanto, uma classificação científica que a rigor é um sistema organizativo regido por um conjunto de regras e critérios que se pretendem universais, mas que dada a grandiosidade do conjunto dos seres vivos e a sua inerente diversidade, sofrem necessárias adaptações. Segundo Santiago (2010, p. 399):

O sistema mais antigo de classificação de seres vivos que se tem conhecimento é o de Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), que classificou todos os organismos vivos então conhecidos em plantas e animais. Ainda nesse contexto, podemos citar os relevantes trabalhos de Antoine Lavoisier (1743-1794) e Carl Von Linné (1707-1778), ambos no século XVIII, os quais, respectivamente, criaram uma nomenclatura das substâncias químicas semelhante à que ainda está em uso e uma organização da moderna sistemática de classificação para plantas e animais, conhecida atualmente como nomenclatura da Botânica e da Zoologia.

De fato, o desenvolvimento da Terminologia é relevante, sobretudo nas últimas décadas do século passado, o qual está diretamente associado a duas razões principais: o avanço técnico, científico e tecnológico e a própria proliferação de termos decorrente de tal avanço. A consequência imediata foi a ocupação e a preocupação por parte dos terminólogos com o surgimento de um elevado número de conceitos e termos novos. Dessa forma, os tipos de comunicações especializadas multiplicam-se em função do nível de formação do público. Com uma percepção crítica transformadora, Alain Rey (1979, p. 116) afirma que:

Os vocabulários científicos, técnicos, institucionais, instrumentos obrigatórios da constituição e da transmissão do saber, da harmonização da cultura, do desenvolvimento pedagógico, eram tradicionalmente usados sem ser bem percebidos, salvo pelos próprios especialistas. A tomada de consciência das dimensões linguísticas, formais e, em particular das léxico-terminológicas dos problemas

culturais ou socioeconômicos, torna desejável um grande esforço nesta direção e um desenvolvimento da terminologia.

A ideia de Rey está na proposição de entender e de tratar a terminologia de característica técnica e científica como pertencente às questões da linguagem e não como algo ideal e homogêneo, que se propõe apenas a uma comunicação restrita a especialistas, desconsiderando fatores linguísticos naturais, como sinonímia, polissemia, ambiguidade, variação, entre outros.

Partindo dessas premissas iniciais, pretendemos neste artigo analisar a terminologia das redes sociais, mais especificamente as unidades terminológicas presentes em tutoriais elaborados para usuários brasileiros de redes sociais. Nesse sentido, assumimos o pressuposto de que a terminologia não constitui um bloco monolítico, mas apresenta especificidades para além do foco temático-cognitivo, já que há componentes textuais e pragmáticos que, ao incidirem sobre a gênese dos termos, contribuem para determinar o perfil terminológico de um dado domínio. Tal abordagem coaduna-se com a proposta de Rey (2007) sobre a pluralidade e feição das terminologias pertencentes a classes terminológicas distintas.

Entretanto, antes de avançarmos no tema, bem como na exemplificação de alguns casos, traçaremos um panorama das redes sociais, para em seguida, retomarmos algumas proposições relacionadas à Terminologia e ao termo.

2 REDES SOCIAIS DA INTERNET: O QUE SÃO?

Uma rede social da internet pode ser caracterizada como uma estrutura constituída por pessoas, empresas ou organizações, as quais estão interconectadas por um ou vários tipos de relações, com o objetivo de compartilhar valores, ideias e objetivos semelhantes. Nas palavras de Garton, Haythorntwaite e Wellman (1997, p. 1) “quando uma rede de computadores conecta uma rede de pessoas e organizações, trata-se de uma rede social”.

As redes sociais da internet adquiriram grande importância – vale ressaltar, a cada dia mais crescente – na sociedade moderna. Popularizadas, sobretudo no início deste século, esses mecanismos de interação na internet, segundo Costa (2012, p. 15):

[...] podem ser compreendidas como teias de laços estabelecidos entre indivíduos que se relacionam virtualmente, havendo, inclusive, sites cujo objetivo principal é instigar e dar suporte a esse tipo de interação. Tal modelo de comunicação suplanta distâncias e

atinge limites e estatísticas inéditas, devido à efervescência de usuários on-line e mensagens postadas.

Diferente do que se imagina, o estudo das redes sociais não é recente. Segundo Recuero (2009, p. 17) “O estudo da sociedade a partir do conceito de rede representa um dos focos de mudança que permeia a ciência durante todo o século XX”. Já Wasserman e Faust (1994, p. 10) inferem que “a análise de redes sociais é inerentemente uma empreitada interdisciplinar” e as noções que nelas estão inseridas resultam de uma relação produtiva entre áreas como a Teoria Social, a Matemática Formal, a Estatística e os métodos computacionais. As redes sociais da internet constituem, assim, um domínio temático localizado entre duas grandes áreas: a Teoria Social e a Informática.

Dito de outra forma, é possível entender as redes sociais da internet como um subdomínio temático que se origina de dois grandes domínios que, a princípio, não possuem relação alguma, mas que diante da inter-relação das ciências e das tecnologias no mundo contemporâneo produzem novos domínios. De toda maneira, não se pode afirmar de forma ingênua que as redes sociais é o simples resultado da soma de dois domínios, mas a improvável correlação de campos de conhecimento aparentemente tão distantes e distintos.

Por serem considerados sistemas complexos (Holland, 1995), as redes sociais são ambientes digitais que possuem uma arquitetura composta por muitos elementos, dentre os quais se destacam funções computacionais. Em virtude desse hermetismo, seu funcionamento é repleto de comandos que são típicos da Informática, os quais não são muito comuns para usuário com pouco ou nenhum letramento digital. Além disso, as redes sociais constituem, segundo Marteleto (2001, p. 72),

[...] um sistema de nodos e elos; uma estrutura sem fronteiras; uma comunidade não geográfica; um sistema de apoio ou um sistema físico que se pareça com uma árvore ou uma rede. A rede social, derivando deste conceito, passa a representar um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados.

Compreendida por uma série de regras, as redes sociais se destacam, principalmente, pelo princípio da abertura e porosidade, exatamente por objetivarem uma ligação social, a conexão fundamental entre as pessoas se estabelece através dos chamados “perfis”. Um perfil é, senão, a identidade que o usuário tem na rede, na qual se pode compartilhar, de diversas formas, dados, informações, conhecimentos, tanto de cunho geral como específico. Tal compartilhamento pode

se dar através de textos, arquivos, imagens fotos, vídeos, promovendo uma série de reelaborações de gêneros em redes sociais (Araújo, 2014). Ademais, há também a formação de conglomerados de usuários que possuam alguma afinidade, seja ela de que tipo for, formando, assim, as chamadas comunidades virtuais. Tais comunidades são determinadas como espaços abertos ou não para discussão e apresentação de temas variados.

No tocante à tipologia, podemos dizer, com base em Recuero (2009), que uma rede social da internet pode operar em diferentes níveis, com propósitos bastante definidos, tais como: redes sociais de relacionamentos, redes sociais profissionais, redes sociais acadêmicas, só para citar algumas. Tal diversidade de tipos evidencia uma tentativa de segmentação, com o interesse de atrair valores e capital social de seus usuários.

Enfim, podemos referir que, de forma primordial, as redes sociais possuem um ponto em comum dentre os seus diversos tipos: o compartilhamento das mais variadas e distintas espécies de informações e conhecimentos, os quais refletem interesses comuns.

3 ASPECTOS GERAIS DA TERMINOLOGIA

Apesar da sua aparente juventude, a Terminologia já escreveu um percurso histórico que tem impulsionado sua investigação de forma a alinhá-la à Lexicologia e à Lexicografia, formando o trio de disciplinas que configuram as denominadas “ciências do léxico” (Biderman, 1998). A Terminologia, que é a mais jovem integrante desse contexto, deve seu surgimento ao engenheiro austríaco Eugen Wüster, professor da Universidade de Viena, que instituiu a Teoria Geral da Terminologia (TGT), cujos postulados motivaram o desenvolvimento de um grupo que passou a ser conhecido como Escola de Viena.

Wüster, em sua tese de doutorado, quando realizou um estudo sobre a normalização e normatização² da terminologia da Eletrotécnica, concebeu a Terminologia como um campo interdisciplinar em que a Linguística consiste em dos polos de convergência, ao lado das ciências cognitivas, da comunicação e da Informática. Contudo, a TGT privilegia aspectos cognitivos e normativos das terminologias e, em função disso, caracteriza-se por ser vocacionada para a problemática de padronização internacional dos termos técnico-científicos,

2 Krieger e Finatto (2004, p. 39) apresentam a distinção entre normalizar e normatizar: “*Normalizar* compreende aparelhar as línguas para todas as formas de expressão, sobretudo a expressão técnico-científica. *Normatizar* diz respeito à fixação de uma determinada expressão como a mais adequada” (grifos das autoras).

privilegiando assim a missão de controlar os usos terminológicos no plano mundial. Ressalta-se então que o pensamento wüsteriano foi mais direcionado para a valorização do termo como um nódulo cognitivo de uma área de conhecimento especializado, não sendo visualizado como um signo linguístico com seus naturais componentes constitutivos.

Com princípios distintos, nas duas últimas décadas do século passado, começam a se intensificar proposições linguísticas de investigação terminológica, que representam uma reversão de paradigmas epistemológicos em relação ao estudo dos termos. A Socioterminologia, que surgiu no Canadá nos anos de 1980, com os trabalhos de Jean-Claude Boulanger e Pierre Auger, foi desenvolvida por François Gaudin (1993) em seu doutoramento.

O grande diferencial da Socioterminologia em relação à TGT é que o termo deixou de ser entendido somente como representação ontológica de uma área de conhecimento, passando a ser compreendido como uma unidade lexical que, para além de uma dimensão cognitiva, compreende uma face linguística. Assim sendo, a unidade terminologia sofre todas as implicações dos sistemas linguísticos e do funcionamento da linguagem.

Como essa mudança de perspectiva, o quadro referencial de exame dos termos voltou-se aos seus reais contextos de ocorrência. Com isso, identificou-se, por exemplo, a existência de variação e de sinonímia dos termos técnico-científicos, aspectos não reconhecidos pela modelo de Wüster. Ao contrário, agora se constata que o termo comporta-se de modo semelhante às unidades do léxico geral, e que o léxico especializado não constitui uma língua à parte, como antes se pensava. Nessa medida, termo e palavra não se distinguem *a priori*, mas somente pelo conteúdo, especializado ou não, que veiculam nos atos comunicativos. Nessa perspectiva, entra em cena o conhecimento sobre os textos especializados, sobretudo, porque eles são o *habitat* natural das terminologias (Krieger, 2004).

Assim, com fundamentos linguístico-descritivos, determinando a passagem do normativo ao descritivo, a Terminologia assume uma face linguística como um campo de conhecimento, cujos parâmetros epistemológicos a situam, efetivamente, no âmbito das ciências da linguagem. É nessa perspectiva que se sistematiza e se difunde largamente outra visão: a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), desenvolvida por Maria Teresa Cabré e seu grupo de colaboradores da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, Espanha. Segundo os princípios dessa teoria, o termo é uma unidade lexical poliédrica – cognitiva, linguística e comunicativa – que integra, de modo intrínseco, as comunicações especializadas com todas as implicações daí decorrentes. Nessa perspectiva, os termos comportam variação denominativa, bem como conceitual, além de sinonímia.

Essa série de contribuições acarretou um grande impulso aos estudos sobre os termos, levando a Terminologia a contar com um corpo teórico, com maior poder descritivo e explicativo para dar conta da complexidade envolvida na constituição e funcionamento das terminologias. Pode-se dizer que o percurso histórico da Terminologia ainda está sendo escrito, e de forma estimulante, já que tem aberto caminhos para uma visão linguística e pragmática sobre o termo, componente lexical especializado.

A partir desse novo entendimento, observa-se que os termos não são estáticos, não pertencem exclusivamente a uma área, mas nela são utilizados com significação específica. Tudo isto evidencia que o estatuto de uma unidade terminológica define-se por sua pertinência aos diferentes campos do saber e aos cenários comunicativos em que estão inscritos. Tanto é assim que cresce o número de sentidos terminológicos nos verbetes da lexicografia da língua comum. Com efeito, os termos não são apenas rótulos, posto que revelam sua naturalidade aos sistemas linguísticos de várias formas, a iniciar pela consonância aos padrões morfossintáticos das línguas que os veiculam. Assim, o fator linguístico constitui-se em um foco importante para o reconhecimento terminológico, cuja base de análise é a observação da constituição morfossintática das unidades lexicais especializadas.

Sobre o termo, principal objeto de estudo e análise da Terminologia, é importante dizer que ele é o componente cognitivo linguístico e comunicacional dos textos especializados, constituindo-se, conseqüentemente, em uma peça-chave de representação e de divulgação do saber técnico, científico e tecnológico. Para Benveniste (1989, p. 252):

Uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação. Ela não tem outro meio de estabelecer sua legitimidade senão por especificar seu objeto denominando-o, podendo este constituir uma ordem de fenômenos, um domínio novo ou um modo novo de relação entre certos dados. O aparelhamento mental consiste, em primeiro lugar, de um inventário de termos que arrolam, configuram ou analisam a realidade. Denominar, isto é, criar um conceito, é, ao mesmo tempo, a primeira e última operação de uma ciência.

Desde os primeiros estudos terminológicos, o termo é visto como componente principal da Terminologia. Dessa forma, esta unidade representa o objeto central, mas não único, do estudo terminológico. Segundo Krieger (2001, p. 62), “entender o termo é, de certa forma, entender o sentido maior desta área de conhecimento.”

Com a evolução da ciência terminológica, o princípio de Wüster (1998³), que considerava o termo como tão-somente uma unidade cognitiva, foi dando espaço a novas concepções, as quais conferiam a unidade terminológica um caráter linguístico, como bem ilustra Cabré (1993, p. 169):

Os termos, como as palavras do léxico geral, são unidades sígnicas distintas e significativas ao mesmo tempo, que se apresentam de forma natural no discurso especializado. Possuem, pois, uma dimensão sistemática (formal, semântica e funcional) e manifestam também outra dimensão pragmática, uma vez que são unidades usadas na comunicação especializada para designar os ‘objetos’ de uma realidade pré-existente.

Outra definição bastante interessante é a de Gouadec (1990, p. 3), quando afirma que “o termo é uma unidade linguística que designa um conceito, um objeto ou um processo”. Sager (1993), por sua vez, autentica o pensamento de Gouadec ao afirmar que existe um conflito entre a necessidade de se denominar e a vontade de normalizar os nomes: “a denominação tem lugar tão pronto como se estabelece um novo conceito, objeto, processo etc., que inevitavelmente leva a designações desacertadas e a multiplicação de nomes” (Sager, 1993, p. 169).

As premissas tanto de Gouadec como de Sager consideram a ideia de que diferentes áreas do conhecimento têm em seus termos a expressão e a construção de saberes especializados, sejam técnicos, científicos, tecnológicos, além de serem componentes da representação da realidade de um dado domínio temático. Dessa forma, ao ser considerado uma unidade linguística, o termo se comporta como qualquer unidade lexical, podendo, por sua vez, ser passível de mudanças de caráter morfológico, sintático e semântico.

Assim, podemos referir que os termos não constituem um bloco monolítico, já que nem todo o processo comunicativo resume-se a expressar produção de conhecimento científico ou técnico, podendo estar orientado para privilegiar a funcionalidade necessária de atividades pragmáticas voltadas a usuários específicos, como ocorre com as redes sociais.

4 A TERMINOLOGIA DOS TUTORIAIS DE REDES SOCIAIS

Para dar continuidade ao tema da terminologia nas redes sociais, analisamos agora alguns aspectos relacionados aos termos em tutoriais elaborados para usuários

3 A versão original da obra foi publicada em 1979.

das redes sociais *Facebook*, *Twitter* e *Google+*. Para tanto, tomaremos alguns exemplos dos termos que vêm sendo registrados nas fichas terminológicas desenvolvidas na plataforma e-Termos⁴. A seguir, apresentamos por meio da figura o resumo do protocolo de registro no e-Termos:

The screenshot shows the e-Termos web interface. At the top, it says "e-Termos Ambiente Colaborativo Web de Gestão Terminológica." Below this are navigation tabs: "Principal", "Etapa 1", "Etapa 2", "Etapa 3", "Etapa 4", "Etapa 5", and "Etapa 6". The current page is "Etapa 5".

The main content area displays the project name "PROJETO TERMIREDES TERMINOLOGIA DAS REDES SOCIAIS NO BRASIL" and the profile "Gerente de Projeto". A large blue text "Quinta Etapa" is prominent. Below this, there are tabs for "Projeto", "Recado", "Mail", "Base Definicional", "Termos", "Ficha Terminológica", and "Fó".

A message reads: "Selecione o campo da Ficha Terminológica e clique nos ícones ✖ Excluir ou ✎ Editar. Se desejar adicionar um novo campo clique em ➕ Adicionar Campo".

The "Dados do Protocolo da Ficha Terminológica" section shows a table with the following data:

Nome do Campo	Tipo de Dado	Obrigatório	Ação
ENTRADA	Alfanumérico	SIM	✖ ✎
CLASSE_GRAMATICAL	Morfologia	SIM	✖ ✎
GENERO	Gênero	SIM	✖ ✎
SIGLA	Alfanumérico	SIM	✖ ✎
ACRONIMO	Alfanumérico	SIM	✖ ✎
CONTEXTO	Texto	SIM	✖ ✎
NOTAS	Texto	SIM	✖ ✎
PROVA_TEXTUAL	Tipo Textual	SIM	✖ ✎

At the bottom of the table, there is a link: "➕ Adicionar Campo".

Figura 1. Ficha terminológica no e-Termos

É importante mencionar que a estrutura da ficha terminológica passa por um permanente processo de avaliação e que muitas modificações são realizadas à medida que a preenchemos e observamos o comportamento dos termos, expondo outras características e campos que não haviam sido previstos. Entretanto, considerando o foco e a delimitação deste artigo, não iremos avançar na discussão metodológica que envolve esse passo da investigação. Todavia, queremos enfatizar que a formalização atual do paradigma merece ainda outras revisões, sobretudo, porque o plano pragmático responde fortemente pela ativação das terminologias.

4 O e-Termos é “um ambiente computacional que contempla as atividades de desenvolvimento de terminologias [...] cujo propósito é automatizar ou semiautomatizar as tarefas de criação e gerenciamento do trabalho terminológico” (Almeida; Oliveira, 2013, p. 22). Está disponível em: <https://www.etermos.cnptia.embrapa.br>.

No caso das redes sociais, os termos possuem características peculiares, como por exemplo, origens e formações diversas. Dessa forma, o reconhecimento terminológico é uma tarefa que só pode ser feita através de um cuidadoso exame no texto especializado. Nesse sentido, escolheu-se o tutorial como situação comunicativa para se observar o funcionamento dos termos das redes sociais.

Primeiramente, é necessário dizer que, por utilizarem comandos, possuem uma série de características determinadas por mecanismos informatizados, os usuários em potencial das redes sociais muitas vezes se deparam com alguma dificuldade, necessitando assim de orientações que os auxiliem a manusear de forma adequada a ferramenta, as quais estão nos tutoriais.

Segundo Santiago (2013b), o tutorial é um gênero textual que visa à instrumentalização de todo e qualquer indivíduo que esteja envolvido em uma atividade que demande determinada prática para operacionalizar uma ferramenta informatizada, como as redes sociais, por exemplo. Para o autor:

Com base numa percepção geral do que se entende fundamentalmente por gênero textual, podemos afirmar que o tutorial é um gênero, uma vez que está ambientado em um certo domínio social de comunicação, possui um dado público-alvo e um propósito bastante claro que o determina. Nesse sentido, observamos que os tutoriais são caracterizados como textos instrucionais que são elaborados propendendo à utilização de um sistema baseado nas indicações nele mostradas. Para tanto, é utilizada uma linguagem permeada de termos (Santiago, 2013b, p. 37).

Em consequência, a preocupação inicial dos que produzem o tutorial é com a apresentação da interface principal do sistema, sua funcionalidade e as operações básicas de gerenciamento. Sem essas noções fundamentais, é pouco provável que o usuário consiga acessá-lo e utilizá-lo.

Vários expedientes linguísticos, de ordem lexical, gramatical e textual, e também não linguísticos, tais como figuras, quadros, hiperlinks e setas, são empregados nesse gênero textual digital, considerando que incluem uma grande quantidade de situações de comunicação e uma necessidade de ensinar a utilizar os recursos que serão empregados em uma situação particular, seja ela especializada, de natureza técnica, científica, tecnológica, profissional ou não. A título de ilustrar como se estrutura este gênero, apresentamos na figura a seguir um exemplo de tutorial:



Figura 2. Tutorial da rede social *Twitter*

Considerando a função e a natureza do gênero, podemos elencar como as principais características dos tutoriais das redes sociais:

- a) visam a instrumentalizar usuários de redes sociais;
- b) trazem o pressuposto de que o leitor/usuário desses textos possui certa competência em informática, que possivelmente irá alicerçar o assunto objeto do tutorial, no caso, a utilização dos recursos disponibilizados pela rede social;
- c) são elaborados com uma linguagem voltada a uma finalidade específica, que é ensinar o usuário a utilizar e a navegar pela rede social;
- d) utilizam termos simples e sintagmas terminológicos, muitos dos quais são termos técnicos da informática;
- e) possuem uma natureza injuntiva, nas quais preponderam ações de *dever-fazer*.
- f) demonstram uma preocupação com o entendimento do texto por parte do leitor, uma vez que trazem o que denominamos “perguntas de satisfação”, como, por exemplo: “essa resposta foi útil?”; “você achou boa a qualidade da tradução deste artigo?”; “este artigo foi útil para você?”.

No caso do tutorial exibido na figura 2, podemos observar que todas as características se materializam no texto elaborado. A instrumentalização é feita passo a passo, o que também comprova o caráter didático, com uma linguagem

bem específica, muito próxima da informática, posto que as redes sociais são produtos computacionais. Por tal razão é que percebemos termos como *barra de navegação* e *página inicial*.

Ao se analisar o léxico presente no texto abordado, também percebemos que questões aparentemente triviais, como a determinação do gênero de um termo para fins de registro na ficha terminológica, podem ser altamente complexas. Logo, ao se fazer o registro na ficha terminológica de um termo como *selfie*, defrontamo-nos com questões linguísticas peculiares de uma palavra da língua comum. Consultando três dicionários, a saber, Oxford e Merriam-Webster, ambos de língua inglesa, e o Dicionário da Porto Editora, do português europeu, que já trazem em sua nomenclatura este termo, observa-se respectivamente nos verbetes (1), (2) e (3), que foram transcritos conservando suas características tipográficas:

- (1) **selfie** Pronunciation: /ˈselfi / (also selfy)
NOUN (plural selfies)
INFORMAL A photograph that one has taken of oneself, typically one taken with a smartphone or webcam and uploaded to a social media website (Oxford Dictionaries, 2014, *on-line*)
- (2) selfie *noun* \ˈsel-fē\
an image of oneself taken by oneself using a digital camera especially for posting on social networks (Merriam-Webster, 2014, *on-line*)
- (3) selfie Palavra estrangeira
nome feminino
coloquial fotografia tirada a si próprio, sobretudo a que se tira com um telemóvel ou uma webcam e é carregada para uma rede social (Infopédia, 2014, *on-line*).

Verifica-se como um traço comum presente nas três obras que a definição inicia-se por hiperônimos de gênero feminino: *image*, *photograph* e *fotografia*, respectivamente. De maneira semelhante faz o Centro de Terminologia da Catalunha (TERMCAT) para o verbete *autofoto* no *Vocabulari panllatí de les xarxes socials*⁵, que considera também o termo *selfie*: “Fotografia que es fa un mateix, sol o acompanyat d’altres persones, habitualment amb un telèfon mòbil, una tauleta o una càmera web, amb la finalitat de publicar-la en una xarxa social” (Termcat; Realiter, 2014, *on-line*).

5 O título da obra em português é “Vocabulário panlatino das redes sociais”.

6 Fotografia que alguém faz de si mesmo, seja sozinho ou acompanhado de outras pessoas,

Como se pode notar, a questão de determinação do gênero de um termo, que aparentemente é banal, levanta reflexões importantes. Isso porque compete a quem analisa um conjunto lexical, seja geral, seja especializado, deliberar sobre o registro de determinada palavra ou termo, mesmo que mais à frente, em função dos usos, seja necessário modificar ou atualizar certas informações.

No caso de um termo que ainda não possui tradução para o português, há de se considerar o fato linguístico de que o inglês não é uma língua bem marcada como o português. Portanto, os dicionários de língua inglesa trazem apenas a categoria gramatical *noun* (nome). Em contrapartida, é idiossincrático da língua portuguesa a marcação do gênero de unidades lexicais, como por exemplo, os substantivos, motivo pelo qual o Dicionário da Porto registra *selfie* como nome feminino, muito por conta da palavra que abre a definição: *fotografia*.

Como o Brasil ainda não possui um glossário terminológico sobre as redes sociais e alguns termos não foram registrados em dicionários de língua geral, abre-se um pressuposto para que o futuro registro de *selfie* seja efetuado como um substantivo feminino, levando-se em conta razões gramaticais e definitórias. Entretanto, é importante mencionar que a Terminografia e a Lexicografia contemporâneas não desprezam fatores como a norma social, que influencia o registro dicionarístico, bem como a definição por meio de uma palavra masculina, como *retrato*, por exemplo. Por isso, não se pode desprezar a possibilidade de um registro de *selfie* como substantivo masculino, ou até mesmo, como substantivo de dois gêneros.

Em meio a essas questões, também se leva em conta de a presença de estrangeirismos como um processo universal nas línguas naturais. Esse fato está associado a fatores de algum modo interligados ao dinamismo de qualquer sistema léxico já que este tende a renovar-se, seja por ampliar-se com ingresso de novas unidades lexicais, sejam da língua comum, sejam especializadas.

Trata-se, então, de aspectos intrínsecos ao funcionamento linguístico e as terminologias produzem forte impacto sobre a ampliação lexical, tendo em vista que o léxico é de natureza denominativa e designativa. Em consequência, o surgimento de um novo produto tecnológico, como as redes sociais, exige identificação pelo nome, constituindo-se um novo termo.

Além disso, muitos outros aspectos podem ser examinados sobre a constituição morfológica e sintagmática dos termos, como por exemplo, a criação lexical. O termo *shelfie*, criado pelo *Google+* para um de seus produtos, o *Gmail*, pode ser analisado como uma palavra-valise.

normalmente com um celular, um *tablet* ou uma *webcam*, com a finalidade de publicá-la em um rede social (tradução nossa).

Apresentando o Gmail Shelfie: e-mail com personalidade ×

Temas personalizados com selfies são muito populares no Gmail, e eles ficaram ainda melhores. Com **Shelfies** (Selfies **compartilháveis**) você pode definir sua própria foto como um Gmail tema personalizado e compartilhá-la com seus amigos para que eles possam apreciar sua imagem da mesma forma que você aprecia.



Não tem certeza? Use o tema de Shelfies Mais populares para ver um novo Shelfie a cada hora.

[Usar shelfies mais bacanas](#) [Criar minha própria shelfie](#) [Manter meu tema atual](#)

Figura 3. Tutorial para *shelfie* da rede social *Google+*

No plano da estrutura, esse termo é o resultado da redução de uma sequência de palavras reconhecíveis a uma única palavra que conserva as partes inicial e final de duas palavras (*share* + *selfie*) a fim de, no plano do semântico, produzir um novo significado, no caso, *selfies compartilháveis*.

Sob o ponto de vista pragmático, um caso bastante interessante envolve o termo *hashtag*. Apesar de essa ser a denominação consagrada pelos usuários, o tutorial do *Twitter* utiliza na versão em língua portuguesa do Brasil o termo *marcador* para se referir à função de indexar tópicos e assuntos específicos de conversa nessa rede, conforme observamos na figura 4:

The image shows a screenshot of the Twitter help center page in Portuguese. The page title is "O que são os marcadores (símbolos de "#")?". The content includes a definition of the hash symbol, instructions on how to use it for categorizing tweets, and a list of tips. An example tweet by Ed Gutman is shown at the bottom.

Central de Ajuda | Buscar | Português

Bem-vindo ao Twitter | Conta | Notificações | **Descobrir** | Celular e Aplicativos | Solução de Problemas

Buscar

Assuntos do Momento

Tweets

Quem seguir

Encontrar amigos

O que são os marcadores (símbolos de "#")?

Definição: O símbolo de #, chamado de marcador, é utilizado para marcar palavras-chave ou tópicos em um Tweet. Foi criado fundamentalmente por usuários do Twitter com o intuito de categorizar mensagens.

Como usar marcadores para categorizar Tweets por palavra-chave:

- as pessoas usam o símbolo de marcador # antes de uma palavra-chave ou frase relevante (sem espaços) nos Tweets que postam para categorizar esses Tweets e facilitar a sua localização em uma Busca no Twitter.
- Clicar na palavra com o símbolo # em uma mensagem mostra todos os outros Tweets marcados com essa palavra-chave.
- Os marcadores (#) podem ocorrer em qualquer parte de um Tweet – no início, meio ou fim.
- Palavras marcadas que passam a ser muito populares são, muitas vezes, Assuntos do Momento.

Exemplo: no Tweet abaixo, @eddie incluiu o marcador #FF. Os usuários criaram essa abreviação para "Follow Friday" (Seguir Sexta-feira), uma tradição semanal em que usuários recomendam pessoas que outros deveriam seguir no Twitter. Você vai vê-la às sextas-feiras.

Ed Gutman @eddie 23 Mar
I don't do #FF, ever, but I'm willing to make one exception for @origifui and @briggies, Twitter's ambassadors of quan.

Figura 4. Tutorial para *marcador* da rede social *Twitter*

Notamos, nesse caso, que o texto traz o símbolo universal *sustenido* (#), popularmente conhecido no Brasil como *jogo da velha* e *hash* em inglês, e que ele é fundamental para que o usuário do tutorial reconheça a função que esse comando desempenha, já que o termo *hashtag* só é encontrado na versão em inglês do tutorial do *Twitter*.

Por ser um mecanismo bastante simples, porém eficaz e acessível para que os usuários participem de interações em tempo real, o *Facebook* também adotou o uso de *hashtags* em sua arquitetura, como podemos ver na figura seguinte:

facebook

Olá Márcio, em que você precisa de ajuda?

Ajuda para desktop > Feed de notícias

Português (Brasil)

Navegando pela Página inicial

Como o Feed de notícias funciona

Controlando o que você vê no Feed de notícias

Privacidade do Feed de notícias

Novidades

Aplicativos em sua página inicial

Comentários

Compartilhando

Erros e problemas conhecidos:

Atualizações no Feed de notícias

Voltar

Como faço para usar hashtags?

As hashtags transformam tópicos e frases em links clicáveis em publicações de sua linha do tempo pessoal ou Página. Isso ajuda as pessoas a encontrar publicações sobre tópicos nos quais eles estão interessados. Para criar uma hashtag, escreva # (sinal de número), junto com um tópico ou frase (em 1 palavra), e adicione-o à publicação. Por exemplo:

Subi várias colinas hoje! #SãoFrancisco

Quando você clica em uma hashtag, você verá um feed de publicações que incluem essa hashtag. Você verá também algumas hashtags relacionadas na parte superior. Você também pode procurar uma hashtag usando a barra de pesquisa na parte superior de qualquer página.

Observe que você verá somente publicações que foram compartilhadas com você. Saiba mais sobre quem pode ver suas publicações quando você usa hashtags. No momento, o recurso hashtag não está disponível para todos.

Edtado pela última vez há 8 meses

Essa resposta foi útil? Sim · Não

Link permanente · Compartilhar

Figura 5. Tutorial para *hashtags* da rede social *Facebook*

Conforme podemos observar, diferentemente do *Twitter*, introdutor desse recurso, o *Facebook* preferiu adotar o termo *hashtag* em seu tutorial, por este ser, como referimos, o termo consagrado pelos usuários.

Em relação ao termo *curtir*, cuja proveniência é o *Facebook*, o contrário aconteceu, tendo em vista que o verbo foi adotado pelo *Twitter* em substituição ao termo *favoritar*, o qual era usado para marcar as postagens preferidas. Assim, as mudanças promovidas pelos desenvolvedores das redes sociais são imediatamente espelhadas nos tutoriais, como ilustra o tutorial do *Twitter*:



Figura 6. Tutorial para *curtir* da rede social *Twitter*

Cabe ressaltar que *favoritar* era utilizado na versão em português do Brasil. Diante disso, acredita-se que o uso desse termo, o qual não se encontra registrado em dicionários como o Houaiss Eletrônico (2011), o Michaelis: Dicionário de Português Online (2009, *on-line*) e o iDicionário Aulete (2014, *on-line*) é uma tradução literal do verbo em inglês *to favorite*.

Infere-se, à vista desse aspecto, que o léxico é fator que possibilita a aproximação entre duas redes sociais, no caso *Twitter* e Facebook, sobretudo, pois, em sua grande maioria, os usuários utilizam mais de uma rede social. Em consequência, se os termos empregados para a utilização dos mecanismos e dos comandos pelas redes sociais são semelhantes, a utilização será mais fácil, mesmo que as diferenças se notabilizem pela interface dos ambientes. Por conseguinte, percebe-se a tentativa de se adotar uma terminologia comum, a fim de facilitar o uso de usuários com pouco letramento digital, público para os qual os tutoriais são mais voltados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos aspectos discutidos, salientamos que quisemos apresentar nesse artigo algumas características relativas à terminologia em tutoriais de redes sociais, especificamente sob o ponto de vista da denominação. A partir desse estudo,

pensamos já ser possível referir-se a duas especificidades terminológicas nesse gênero textual digital:

- 1) uma encontrada nos tutoriais, os quais são os documentos “legítimos” que orientam o uso das redes e, portanto, englobam termos mais técnicos, pautados por aspectos computacionais;
- 2) outra, mais utilizada pelos usuários, os quais não tomam para si o compromisso de utilizar termos técnicos, mas aqueles que sejam mais compreensíveis pelos indivíduos que se conectam em uma dada rede e que, por razões pragmáticas, passam a integrar os tutoriais. Através dessas especificidades, pode-se afirmar que há uma categoria de léxico especializado que pode ser chamada de terminologia das redes sociais.

Por fim, é importante dizer que a pesquisa ainda está em andamento e que se trata de uma investigação que integra dois projetos afínicos: “Análise linguístico-terminológica do gênero tutorial de redes sociais” (Santiago, 2013a) e “Projeto TERMIREDES: Terminologia das Redes Sociais no Brasil” (Santiago; Araújo, 2014), ambos em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará⁷. Tais projetos objetivam, em linhas gerais, reconhecer a terminologia típica dos tutoriais de redes sociais, bem como verificar o comportamento linguístico dos termos em relação a características morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas.

REFERÊNCIAS

Almeida GMB, Oliveira LHM. Ambiente web para elaboração de produtos terminológicos: e-terms. In: Laporte E, Smarsaro A, Vale AO, organizadores. Dialogar é preciso: linguística para processamento de línguas. Vitória: PPGEL/UFES; 2013. p. 21-30.

Araújo J. Projeto REGE: reelaborações de gêneros em redes sociais (Parte IV) [relatório de pesquisa]. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC; 2014.

Aulete FJC, Valente ALS, editores. iDicionário Aulete. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital; s.d. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br>>. Acesso em: 30 maio 2014.

Benveniste E. Problemas de linguística geral II. Campinas: Pontes; 1989.

7 Mais informações sobre estes projetos podem ser obtidas em <http://www.hiperged.ufc.br>.

Biderman MTC. As ciências do léxico. In: Oliveira AMPP, Isquierdo NA, organizadores. As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. 1. Campo Grande: Editora UFMS; 1998. p. 11-20.

Cabré MT. La Terminología: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Antártida/Empúries; 1993.

Costa SM. Tweet: reelaborações de gêneros em 140 caracteres [dissertação de mestrado]. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; 2012. 118 p.

Garton L, Haythornthwaite C, Wellman B. Studying online social networks. Journal of computer mediated communication. 1997;1(3). Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.1997.tb00062.x/full>>. Acesso em: fev. 2014.

Gaudin F. Socioterminologie: des problèmes semantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen: Publications de l'Université de Rouen; 1993.

Gouadec D. Terminologie: constitution des données. Paris: AFNOR; 1990.

Holland JH. Hidden order: how adaptation builds complexity. New York: Helix Books; 1995.

Houaiss A. (Ed.). Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Versão monusuário 3.0. São Paulo: Editora Objetiva; 2011. 1 CD-ROM.

Infopédia: Enciclopédia e dicionários Porto Editora. Porto: Grupo Porto Editora; 2014. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/>>. Acesso em: 9 jun. 2014.

Krieger MG. Do reconhecimento de terminologias: entre o linguístico e o textual. In: Isquierdo AN, Krieger MG. As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. 2. Campo Grande/Porto Alegre: UFMS/UFRGS; 2004. p. 327-339.

Krieger MG. O termo: questionamentos e configurações. In: Krieger MG, Maciel AMB, organizadores. Temas de Terminologia. Porto Alegre/São Paulo: UFRGS/Humanitas/USP; 2001. p. 62-81.

Krieger MG, Finatto MJB. Introdução à Terminologia: teoria e pratica. São Paulo: Contexto; 2004.

Marteleteo RM. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*. 2001;30(1):71-81. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/226/201>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

Merriam-Webster. Dictionary. Springfield: Merriam-Webster; 2014. Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary>>. Acesso em: 9 jun. 2014.

Michaelis: Dicionário de português online. São Paulo: Melhoramentos; 2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues>>. Acesso em: 30 maio 2014.

Oxford Dictionaries. Oxford: Oxford University Press; 2014. Disponível em: <<http://www.oxforddictionaries.com>>. Acesso em: 9 jun. 2014.

Recuero R. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina; 2009.

Rey AA. terminologia entre a experiência da realidade e o comando dos signos. In: Isquierdo AN, Alves IM, organizadoras. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 3. Campo Grande/São Paulo: UFMS/Humanitas; 2007. p. 323-340.

Rey A. *La terminologie: noms et notions*. Paris: PUF; 1979.

Rondeau G. *Introduction à la Terminologie*. Québec: Gaëtan Mourin; 1984.

Sager JC. *Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez/Pirámide; 1993.

Santiago MS. Análise linguístico-terminológica do gênero tutorial de redes sociais [projeto de pesquisa]. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC; 2013a. (DCR – CNPq/Funcap).

Santiago MS. Unidades fraseológicas especializadas em tutoriais de ambientes virtuais de aprendizagem: proposta de um sistema classificatório com base na valência verbal [tese de doutorado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2013b. 223 p.

Santiago MS. O léxico da Educação a Distância: parâmetros para o reconhecimento terminológico de uma área em desenvolvimento. *Domínios de Lingu@Gem*. 2011;5:90-106.

Santiago MS, Araújo J. Projeto TERMIREDES: terminologia das redes sociais no Brasil. Fortaleza: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC; 2014. (PIBIC).

Termcat; Realiter. Vocabulari panllatí de les xarxes socials. Barcelona: TERMCAT – Centre de Terminologia; 2014. Disponível em: <http://www.termcat.cat/ca/Diccionaris_En_Linia/156>. Acesso em: 18 jun. 2014.

Wasserman S, Faust K. Social network analysis: methods and applications. Cambridge: Cambridge University Press; 1994.

Wüster E. Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica. Barcelona: IULA/Universitat Pompeu Fabra; 1998.

Recebido em: 11/09/14

Aprovado em: 16/10/14